

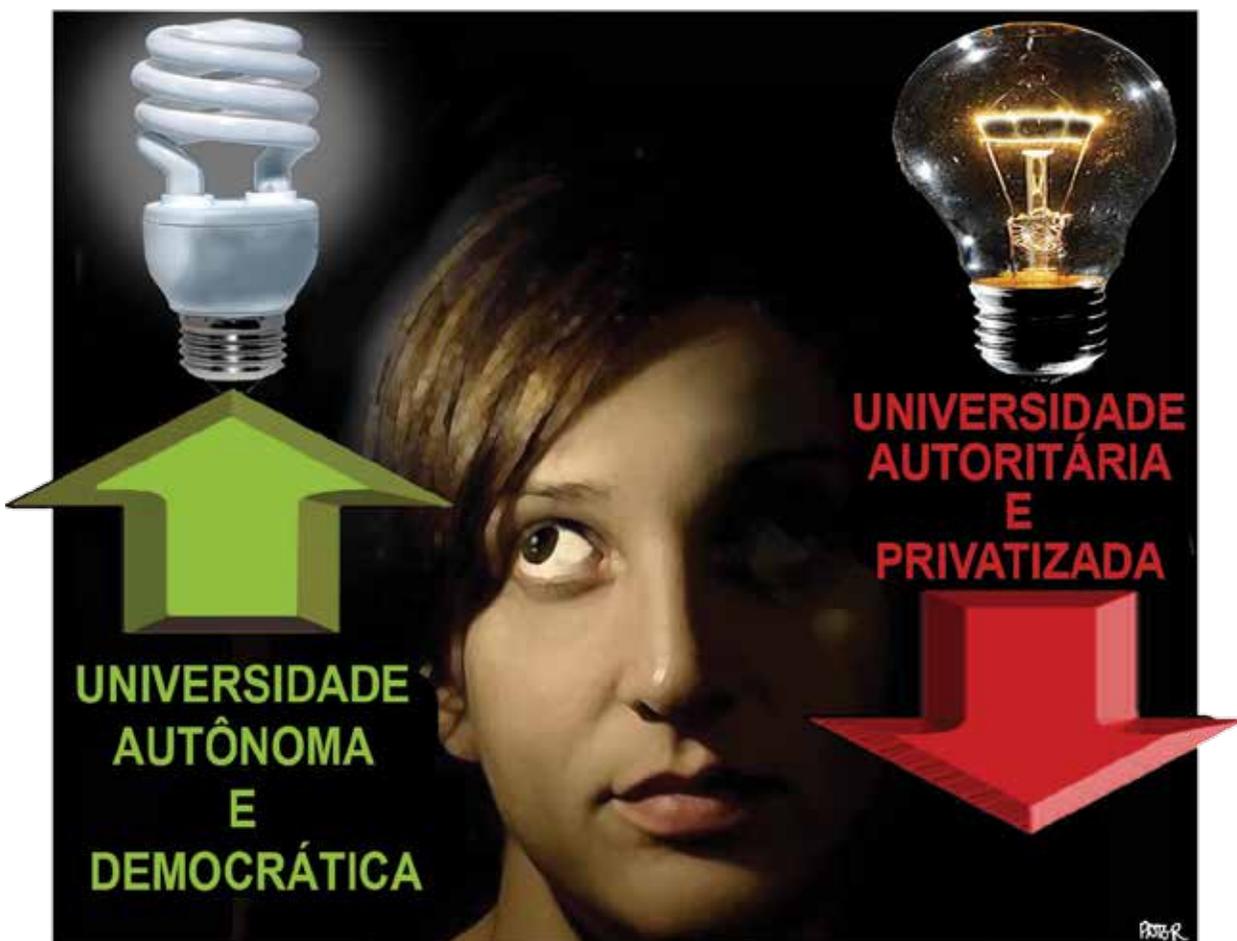
## A Ufes vai às urnas. Qual universidade queremos?

**A comunidade acadêmica terá a oportunidade de dizer - já na terça-feira, 22/09 -, o que será da Ufes nos próximos 4 anos.**

A responsabilidade, no entanto, na escolha de Reitor (a) e Vice-Reitor(a) para o quadriênio 2016-2020 vai além de votar. É preciso escolher alguém que leve em consideração, por exemplo, o contexto atual de cortes de verbas e que possa administrar a universidade respeitando as demandas da comunidade acadêmica.

“Queremos um/a gestor/a que esteja aberto/a às questões locais e que se posicione na defesa da universidade pública. Alguém que não diga ‘amém’ ao corte de verbas efetuado pelo MEC, garantindo o princípio da autonomia da instituição”, observa o diretor da Adufes, André Michelato. Para ele, na conjuntura de ajuste fiscal a administração universitária deve ser transparente. Além disso, é necessário ser combativa e lutar por mais recursos.

A defesa do Andes-SN (Sindicato Nacional dos Docentes) e da Adufes é pela universidade pública, gratuita, autônoma, democrática, de qualidade e socialmente referenciada. “Queremos uma universidade que interaja com toda a sociedade, pautada no desenvolvimento indissociável da extensão, da pesquisa e do ensino. E, ainda, que forme sujeitos comprometidos com as questões sociais”, defende Renata Couto Moreira, diretora da Adufes. A professora destaca que



a próxima administração central deve considerar também a centralidade do projeto de carreira docente e as condições de trabalho defendidas pelo Andes-SN.

**Reuni.** Implantado em 2007, o Reuni é um exemplo da ausência de autonomia universidade e da omissão dos gestores frente ao projeto de expansão do ensino superior. Enquanto a comunidade universitária era ignorada pela administração central quando pedia amplo debate sobre o Reuni, os gestores defendiam incondicionalmente a implantação do programa.

“Por causa da expansão sem planejamento, temos cursos necessitando de mais professores/as, de laboratórios e equipamentos. São alguns dos pro-

blemas que comprometem o ensino de qualidade”, diz André. O diretor lembra ainda que as condições de trabalho pioraram. “O assédio moral acarreta adoecimentos, bem como o produtivismo e a competitividade impostos pelas agências de fomento e pelas políticas mercantilistas do MEC”, completa.

Outros problemas são a mercantilização do ensino, a privatização da agenda científica, a desvalorização social das atividades de extensão, e o bloqueio das condições de produção do pensamento autônomo e crítico. De acordo com Renata e André, a gestão de uma Universidade exige compromisso com a coisa pública. “Defendemos os princípios de

transparência e de autonomia universitária”. Eles acrescentam que, por isso, é preciso conhecer as propostas das chapas (leia pag. 04) e escolher a que mais se aproxima dos interesses da Universidade e da sociedade.

**Assistência estudantil.** Na avaliação da Adufes o/a novo/a reitor/a deve garantir condições de permanência para os estudantes aos quais as políticas governamentais ampliaram o acesso. Historicamente, as demandas dizem respeito a uma política efetiva de assistência estudantil, como criação de moradias, aumento do número e dos valores de bolsas, além da democratização dos espaços da universidade.

# Comunidade terá participação igualitária nas eleições 2015



Foto: Adufes

Em 2011, cerca de 40% de professores/as, técnicos/as e alunos/as foram às urnas para votar para reitor.

De modo diferente de como ocorreu em eleições anteriores, este ano foi definido pela Comissão Coordenadora da Pesquisa Eleitoral (CCP) que a consulta à comunidade acadêmica será paritária real. A computação dos votos se dará de acordo com o número total de votantes de cada segmento.

A proposta de voto paritário foi recebida de forma positiva pelo presidente da Adufes e membro CCP, Edson Cardoso. “Todo estudante, técnico-administrativo e professor/a terá direito a um voto e o peso será o mesmo, de maneira que cada um/a represente um terço do montante final”, explica Edson. Segundo ele, essa é uma conquista para a comunidade acadêmica, sobretudo para os/as estudantes que eram prejudicados com a apuração do resultado.

O presidente da Adufes avalia que, embora o voto paritário fosse uma reivindicação, o método mais democrático de escolha para reitor seria a consulta universal, uma demanda histórica desde a primeira eleição direta na Ufes. “Esse modelo se des-

vincula de compromissos corporativos e do voto de cabresto. Essa é uma reivindicação construída desde a abertura do período democrático, mas que até agora não teve avanços”.

**Pesquisa Eleitoral.** O presidente da Comissão Coordenadora, Armando Biondo, esclarece que a eleição para reitor é, na realidade, uma pesquisa eleitoral. “A lista dos três candidatos mais votados será encaminhada aos Conselhos Universitário (Consuni), Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), e de Curadores. Caberá ao Ministério da Educação (MEC) empossar o reitor a partir dessa lista tríplice”, diz, informando que o MEC geralmente referenda o resultado das urnas.

**Resultado final.** Haverá votação nos campi de Goiabeiras, Maruípe, Alegre e São Mateus. O/a eleitor/a poderá ir às urnas das 7 às 21 horas. A divulgação do resultado parcial do 1º turno sairá no próximo dia 23/09. Se houver 2º turno, a votação será em 06 de outubro e o resultado final dia 21/10.

## EDITORIAL

### Ufes em debate

As eleições na Ufes ocorre em ambiente de crise local e nacional. Temos escassez de recursos, avanço nas privatizações, precarização do trabalho docente e de técnico-administrativos, serviços de apoio terceirizados e uma questionável transparência administrativa.

Há algum tempo que a Ufes tem a prática de gestão de gabinete, dissociada do compartilhamento administração – comunidade (interna e externa). A universidade é um patrimônio social e estratégico e necessariamente tem o compromisso com a universalidade na produção e transmissão do conhecimento científico e cultural. Uma gestão democrática tem pré-requisito: caminhar para além dos gabinetes. É o mínimo exigido de uma instituição com orçamento de R\$ 780 milhões. Recursos do tesouro e, portanto da sociedade.

As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e gestão financeira e patrimonial, e obedecem ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Será que as candidaturas têm a consciência dessa autonomia e indissociabilidade? A autonomia é indissociável à democracia interna. As investidas governamentais, e porque não de gestores, demonstram a dimensão do obstáculo a ser combatido. Será possível existir avaliação institucional e mudanças estatutárias feitas democraticamente pela comunidade? E a transparência administrativa, quando teremos? Essas questões são discutidas neste informativo.



1987: Comunidade universitária comemora (foto) eleição para reitor. Vence a chapa de Rômulo Penina (reitor) e Carlos Batalha, (vice-reitor) ambos do Centro de Biomédicas. Foi a primeira eleição direta na Ufes.



1991: Candidato com propostas diferentes dos grupos tradicionais é eleito. O professor do departamento de Economia, Roberto Penedo, representou mudança de grupos na administração da universidade. Debates (foto) marcaram o processo eleitoral.

# Eleições para reitor da UFES foram marcadas por disputas de projetos



Foto: Arquivo Adufes

Debate sobre eleições diretas com a professora da USP, Marilena Chauí, mobiliza comunidade acadêmica na década de 80.

Em 1987, quando começaram as eleições diretas para reitor e vice-reitor na Ufes, a comunidade acadêmica foi envolvida no debate sobre os rumos e projetos para a

instituição. A concepção de universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada esteve em disputa, porém o que prevaleceu foi a visão con-

servadora e elitista, o que polarizou os pleitos.

“Pensávamos a Universidade como um projeto em reconstrução - democrático no diálogo, autônomo na

produção da ciência, da técnica e da cultura. Um espaço que desenvolvesse o tripé ensino, pesquisa e extensão com a comunidade”, diz o presidente da Adufes, Edson Cardoso. Esse conceito de universidade, no entanto, não foi defendido pelas reitorias. As gestões que seguiram foram marcadas por um modelo de universidade elitista, burocrático e distante da realidade social.

Edson lembra que as administrações passaram a dialogar com a comunidade acadêmica apenas em gabinete. “Uma universidade democrática deve levar em consideração as demandas internas. A comunidade universitária deve participar das decisões, ser ouvida, o que poucas vezes ocorreu”, ressalta.

## A educação pública não pode pagar pela crise

A década de noventa trouxe o neoliberalismo e a globalização. Teve início às investidas para a retirada de direitos dos/as trabalhadores/as. Houve a “liquidação” de quase todo o patrimônio público, em favorimento à esfera privada. A educação e a saúde pública ficam a serviço do capital

financeiro, se tornando mercadorias. “O processo de curvar a Universidade aos ditames do mercado, como os contratos com fundações privadas, promove a alienação e o estranhamento do trabalho docente”, critica o presidente da Adufes, Edson Cardoso. Segundo ele, isso fere a pro-

posta de universidade defendida pelo Andes-SN.

**Autonomia universitária.** No século atual houve a intensificação dos ataques às conquistas sociais. Além disso, políticas e ações de governos favoreceram a adoção de medidas contra as universidades, refletindo na Ufes.

Esse é o caso do Reuni, Prouni, Pronatec, Ebsers e PNE. “Esvai-se a autonomia e a democracia universitária. Sufoca-se o trabalho intelectual e o conhecimento, e no lugar surge a burocracia, o mérito quantitativo, que favorece apenas aos interesses do mercado”, completa o presidente da Adufes.



1999: Duas visões de universidade em disputa: José Weber de Macedo (na foto, à direita), uma visão conservadora e José Geraldo Mill, (foto, à esquerda) candidatura mais progressista. Weber reeleito reitor.



2003: Após 8 anos da gestão Weber, os segmentos mais progressistas da comunidade acadêmica constroem o movimento Reviva Ufes, lançando candidatura de Rogério Queiroz. O professor Rubens Sergio Raseli, no entanto, vence o pleito.

# Propostas dos/as candidatos/as a reitor/a



## Chapa 1: Dialogar e Avançar

**Reitora:** Gláucia Rodrigues de Abreu  
**Vice-reitor:** Sávio Silveira de Queiroz

A Chapa 1 é a garantia de um diálogo permanente entre os diferentes segmentos da Universidade Federal do Espírito Santo. Faremos uma gestão compartilhada, transparente e equânime, promovendo melhorias na qualidade de oferta do ensino, extensão e pesquisa, além de proporcionar crescimento e fortalecimento de cada uma dessas atividades.

Nossa gestão responderá aos anseios de professores, técnicos-administrativos e estudantes, que almejam assegurar que a UFES avance e se desenvolva a cada dia com mais competência, confiança e determinação.

Fruto de uma série de diálogos com toda a comunidade acadêmica, a Chapa 1, liderada por Gláucia e Sávio, elaborou um Plano de Gestão Universitária, estruturado em cinco eixos de ação: Políticas Acadêmicas; Gestão de Pessoas; Gestão Administrativa e Financeira; Relações Institucionais e a Sociedade e; Gestão Cultural.

## Chapa 2: Por uma outra UFES!

**Reitor:** Marcel Olivier  
**Vice-reitor:** Aloísio Falqueto

Mudanças têm que ser compromissos! Tornar-nos Reitores não é um fim, é um meio. Modo que julgamos possível fazermos UMA OUTRA UFES. A Ufes comprometida com a conquista de padrão de excelência. Reafirmamos nosso compromisso: Universidade pública, gratuita e com autonomia. Busca permanente da qualidade do ensino, pesquisa e extensão. Priorizar o ensino em todas as modalidades, presencial e à distância, com a consolidação dos programas de pós e de graduação. Compromisso com: Transparência administrativa e orçamentária; Combate a precariedade do trabalho docente e ao produtivismo; Plano de carreira sem distorções; Melhores condições de trabalho para todos; Desburocratizar, Ufes na era digital para atender melhor; Manutenção do espaço físico, garantindo acessibilidade e crescimento sustentável.

## Chapa 3: Somos Mais Ufes

**Reitor:** Reinaldo Centoducatte  
**Vice-reitora:** Ethel Maciel

O compromisso fundamental da chapa Somos Mais Ufes é trabalhar para ampliar e consolidar um projeto de Universidade democrática, inclusiva, plural e moderna, construído coletivamente por professores, técnico-administrativos e estudantes. Queremos avançar no ensino, na pesquisa, na extensão e na inovação tecnológica, para além das conquistas alcançadas nos últimos anos.

Para seguir em frente, propomos implantar o Programa de Desenvolvimento e Aprimoramento do Ensino; expandir a pós-graduação e a extensão; qualificar as políticas de gestão de pessoas e de assistência estudantil; desenvolver política institucional de esporte e lazer; consolidar a modernização da gestão administrativa, tornando-a mais profissional e ágil.

Juntos, somos mais participação, mais qualidade, mais transparência, mais ética e mais compromisso com a sociedade. Somos mais Ufes!



2007: O professor Rubens Ras-seli foi reeleito. A candidatura foi única. A marca da gestão foi a implementação de cotas sociais na universidade. Houve também a ampliação de vagas e cursos pelo REUNI. A expansão significou também obras inacabadas (foto).



2011: Pela 1ª vez um estudante é eleito presidente da Comissão Eleitoral. Vitor César Noronha (foto), da Economia, assume o grupo paritário, formado por representantes dos conselhos universitários, da Adufes, Sintufes e DCE.